

Projeto de intercâmbio Canadá (Québec) e Brasil em Economia Solidária

Primeiro Relatório Parcial de Atividades

Brasília, 01 de fevereiro de 2007
Sistematização: Daniel Tygel

Índice

A. Introdução.....	1
B. Visita de delegação do FBES ao Canadá.....	2
<i>B.1. Reunião com ARUC/ÉS.....</i>	<i>2</i>
<i>B.2. Lançamento do Café Justo e Solidário e recepção dos convidados internacionais.....</i>	<i>3</i>
<i>B.3. Comemoração de 10 anos do Projeto Angus.....</i>	<i>4</i>
<i>B.4. Reunião do Conselho de Administração da RIPESS.....</i>	<i>5</i>
<i>B.5. Recepção dos convidados estrangeiros pela Prefeitura de Montréal.....</i>	<i>5</i>
<i>B.6. Conversas entre América Latina e África.....</i>	<i>6</i>
<i>B.7. Participação na Cúpula da Economia Social e Solidária do Québec.....</i>	<i>6</i>
<i>B.8. Participação na Feira de Economia Social e Solidária.....</i>	<i>8</i>
<i>B.9. Viagem a Abitibi.....</i>	<i>9</i>
<i>B.10. Reunião final com o Chantier – Avaliação e Prioridades.....</i>	<i>12</i>
C. Conclusões.....	13
D. A Economia Social e Solidária no Québec.....	14
E. Relatos da visita.....	16
<i>E.1. Shirlei Almeida (30/11/2006).....</i>	<i>16</i>
<i>E.2. Depoimento de Evandro Luzia (23/11/2006).....</i>	<i>19</i>
<i>E.3. Depoimento de Lenivaldo Marques da Silva Lima (08/12/2006).....</i>	<i>19</i>
<i>E.4. Depoimento de Walmir José de Almeida (08/12/2006).....</i>	<i>22</i>

A. Introdução

No escopo do Projeto de intercâmbio Canadá (Québec) e Brasil em Economia Solidária, apoiado pela CIDA / ACDI na janela PIPE Express, apresentamos o primeiro relatório parcial de atividades, cobrindo o período de 1º de novembro de 2006 a 1º de fevereiro de 2007. Este relatório abordará fundamentalmente a visita da delegação brasileira ao Québec, além de apontar as perspectivas de continuidade da parceria em 2007.

Entre os dias 12 e 22 de novembro de 2006, uma delegação do FBES esteve no Québec, a maior parte do tempo em Montréal, para participar de vários eventos e reuniões. A delegação compunha-se de cinco pessoas, sendo quatro apoiados pelo projeto PIPE EXPRESS, e o quinto com recursos da Aliança de Pesquisas Universidade-

Comunidade em Economia Social (Alliance de Recherches Université-Communautés en Économie Sociale, doravante chamada simplesmente de ARUC/ÉS).

Além desta visita, dentro do escopo do projeto ocorreram três Encontros Regionais de Reestruturação do Fórum Brasileiro de Economia Solidária em janeiro de 2007: Norte, em Manaus/AM, Centro-Oeste, em Cuiabá/MT, e Sudeste, em Foz do Iguaçu/MG. Nos dias 27 e 28 de fevereiro ocorrerão os Encontros Regionais do Sul e do Nordeste, e a partir daí, com a visita de integrantes do Chantier ao Brasil em março de 2007, durante a Reunião Nacional da Coordenação Nacional, será lançada a IV Plenária Nacional de Economia Solidária, como ápice de um processo participativo de debates e deliberações em todos os estados brasileiros, com o apoio do Chantier na sistematização e intercâmbio para a preparação da Plenária.

A IV Plenária Nacional de Economia Solidária teve sua data prevista adiada para ser entre agosto e outubro de 2007, dada a intensidade de agenda que se apresentou quando foram realizadas as Oficinas Regionais sobre Formação (organizadas pelo FBES, em parceria com o Ministério do Trabalho e Emprego), e a implantação do Conselho Nacional de Economia Solidária (CNES), onde o FBES tem papel importante e que está tendo como pauta principal a articulação em torno do PPA que o governo federal está organizando para o primeiro semestre deste ano.

A primeira fase do projeto que agora se encerra superou em muitos aspectos as expectativas, tanto por parte do FBES, quanto por parte do Chantier: a Cúpula foi um momento importante na história da Economia Social e Solidária do Québec, e a participação do FBES foi estratégica para ambas as redes. Além disso, a intensidade e profundidade do intercâmbio durante a visita foi de fundamental importância para subsidiar o FBES em suas ações em prol do fortalecimento da Economia Solidária enquanto estratégia de inclusão social por meio da autogestão.

Entre novembro de 2006 e fevereiro de 2007 foram realizadas diversas conferências telefônicas com o Chantier no sentido de aprofundar a metodologia a ser adotada para a continuidade da parceria nos temas prioritários apontados na seção B.10 deste relatório.

B. Visita de delegação do FBES ao Canadá

B.1. Reunião com ARUC/ÉS

Durante toda a estadia no Québec, o FBES se reuniu três vezes com o coordenador da ARUC/ÉS, Jean-Marc Fontan, e uma vez com o conjunto de representantes da Rede Canadense de Pesquisadores em Economia Social.

A ARUC é um núcleo semi-universitário, com coordenação compartilhada entre um professor universitário (Jean-Marc Fontan) e um militante social (Nancy Neamtan, presidente do Chantier), cujo objetivo central é o “Transfert”, ou seja, o intercâmbio de práticas e saberes entre o mundo acadêmico e o mundo dos movimentos sociais no campo da ES.

No escopo da parceria entre FBES e Chantier, analisou-se em que aspectos seria frutífera a articulação entre o FBES e a ARUC. Nisso foram levantados alguns pontos que interessavam à ARUC e outros que interessavam ao FBES.

Para o FBES, interessa o conhecimento e aprendizado sobre instituições como a ARUC, em que a coordenação se dá de forma compartilhada entre movimento social e academia, o que pode apontar para maneiras interessantes de construção de conhecimento.

Por parte da ARUC, houve interesse em maior contato com as redes de Incubadoras Universitárias (Rede de ITCPs e a Unitrabalho, ambas integrantes do FBES),

pois trata-se de ações universitárias concretas que também geram conhecimento e processos formativos.

Outro ponto que surgiu como de interesse de ambos foi o intercâmbio das metodologias e resultados dos processos de mapeamento ocorridos no Brasil e no Québec.

Foi firmado o compromisso de buscar o contato direto entre a ARUC, a Rede de ITCPs e a Unitrabalho, para avançarem concretamente nos pontos de aprendizado apontados.

Como agenda, há a assembléia geral da Rede Internacional de Pesquisadores em ES em Montréal em maio de 2007, e a ARUC manifestou a importância da presença de representantes do FBES destas redes universitárias no evento. No Brasil, há a perspectiva de realização de um encontro nacional dos empreendimentos apoiados por incubadoras universitárias, a ser organizado pela Rede de ITCPs, no primeiro semestre de 2007, para o qual a presença de representantes da ARUC seria importante.

Além do levantamento de pontos importantes e das perspectivas de agenda comum, foi apontada outra forma de intercâmbio através de publicações conjuntas com artigos dos dois países sobre o “transfert”, ou seja, a relação e impacto dos conhecimentos de movimentos sociais e do mundo acadêmico uns sobre os outros. Pode ser um resultado muito rico desta parceria, que certamente enriquecerá muito as práticas de nossas redes e das deles a partir de um olhar em perspectiva.

No dia 13 de novembro a delegação brasileira foi convidada a participar de um jantar reunindo os centros de pesquisa em ES de todas as províncias do Canadá (o ARUC é o centro de pesquisas em ES da província do Québec). Além do estabelecimento de contato entre os pesquisadores em Economia Social de todas as províncias do Canadá e os representantes do FBES, foi feita uma riquíssima palestra do professor Benoît Levêque, traçando um panorama do processo de desenvolvimento dos estudos sobre ES e todas as suas correntes que decorreram, com foco especial, ao final, ao processo ocorrido na França em comparação com o processo no Québec. O professor Benoît comprometeu-se a repassar o resumo deste seminário para o FBES para que possamos difundir no seio do movimento, que será muito útil por tratar da militância dentro do mundo acadêmico sobre o papel da economia e seu sentido para a qualidade de vida em um aspecto de alternativa ao capitalismo, além de trazer elementos que normalmente desconhecemos das nuances históricas dentro da França e do Québec.

B.2. Lançamento do Café Justo e Solidário e recepção dos convidados internacionais

A delegação brasileira foi convidada a participar, no dia 14 de novembro, de um evento de lançamento do Café Nelligan, um produto com características muito especiais, pois além de ser comprado de produtores do Sul com certificação do comércio justo (critérios sociais e ambientais justos), ele é torrado e ensacado no empreendimento solidário Le Transit, no Québec, cujos participantes são portadores de deficiências físicas e mentais. Detalhes sobre o Le Transit e o café Nelligan estão em: www.letransit.com.

Na perspectiva de cadeias produtivas, vêem-se possibilidades ricas de parceria no campo comercial entre nós e o Québec: cadeias produtivas com empreendimentos solidários em todas as etapas, desde a produção até o consumidor, ampliando o escopo do comércio justo para incluir também empreendimentos solidários do Canadá. Empreendimentos solidários no sul e no norte, ao invés de empresas do norte que comprem de empreendimentos solidários do sul. Como se verá ao fim do relatório, uma das prioridades de intercâmbio entre o FBES e o Chantier se dará no campo da comercialização, e este evento levantou a possibilidade do FBES e Chantier tornarem-se intermediários em cadeias produtivas Brasil-Québec.

O evento de lançamento ocorreu numa cafeteria que é também um

empreendimento solidário de pessoas portadoras de leves deficiências e distúrbios mentais. O empreendimento se chama “Entreprise PART”. Neste caso, trata-se de um Empreendimento de Inserção Social (Entreprise d'Insertion Sociale): Os empreendimentos de inserção são empreendimentos em vários setores de economia para os quais jovens e pessoas excluídas do mercado de trabalho são enviadas para trabalharem com o salário mínimo de lá por um período de 6 meses a no máximo um ano, para adquirirem técnicas no trabalho específico e também conhecerem o ambiente de trabalho. Existe uma rede em todo o Québec com muitos empreendimentos de inserção, que têm em seu interior processos participativos de decisão e um ambiente muito agradável.

A delegação brasileira conheceu vários Empreendimentos de Inserção, como o de recuperação de computadores, o de conserto de bicicletas e criação de arte com peças das bicicletas que não deu pra se consertar, a cafeteria onde ocorreu o lançamento do café Nelligan, um de trabalho com madeira e o Petites Mains que trabalha com costura e serigrafia, e que forneceu as bolsas da Cúpula de Economia Social e Solidária do Québec que ocorreu em seguida. Mais informações podem ser encontradas na página da rede: www.collectif.qc.ca . Este site mostra toda a rede de empreendimentos de inserção no Québec.

Como é parte de uma política pública do governo federal para trabalhar diretamente a questão da inserção no mercado de trabalho, a perspectiva dos Empreendimentos de Inserção é voltada à formação de pessoas para o trabalho. Nas conversas que a delegação brasileira teve com pessoas da coordenação da Rede Collectif pour le Changement Social (“coletivo pela transformação social”), que é a rede de empreendimentos de inserção, pôde-se perceber que estão muito envolvidos com o movimento de ES do Québec (são membros do Chantier, por exemplo), e por isso são uma iniciativa muito interessante do campo de formação / incubação. Pode portanto ser outro ponto de trocas entre FBES e Chantier: criação de empreendimentos fixos para preparar pessoas e coletivos a se constituírem no futuro como empreendimentos solidários...

Durante o evento de lançamento do Café Nelligan, os integrantes do Le Transit aproveitaram para fazer uma homenagem a todos os estrangeiros que lá estavam para participar da cúpula que começaria em dois dias. Havia grande alegria e envolvimento dos participantes do Le Transit em estarem acolhendo aos estrangeiros.

B.3. Comemoração de 10 anos do Projeto Angus

O empreendimento “Entreprise Part” é localizado no “Tecnopólo Angus”, um projeto muito que nasceu da articulação de moradores do bairro Angus para recuperar um antigo centro industrial totalmente abandonado. Esta área abandonada se transformou hoje num local para abrigar empreendimentos solidários, empresas privadas e empresas / instituições públicas, dentro do conceito que eles chamam de “economia plural”. Há uma série de características muito interessantes deste projeto, como por exemplo:

1. Toda a construção é ecológica: os materiais usados, as tecnologias de construção, etcétera, são feitos para o mínimo impacto ambiental possível;
2. Toda a manutenção do espaço (prédios, estacionamentos, parques, calçadas, etc...) é ecológica: pensa-se no fechamento de ciclos de água e minimização total de uso da energia. É interessante que eles não mandam nenhum esgoto para o sistema de Montréal: tudo é tratado e reutilizado no próprio local, de modo que eles tomam total responsabilidade pelos dejetos que criam. Todo o lixo é separado para reciclagem, e evita-se uso de embalagens demais ou de alto impacto para produtos de limpeza, etc, de modo a diminuir a emissão de lixo.
3. Todo o projeto do espaço é para minimizar ao máximo o espaço de estacionamentos, favorecendo o uso de transporte coletivo e bicicletas para

acessar o local. Eles conseguiram conquistar inclusive uma linha de ônibus municipal que vai para lá, fazendo o link com o metrô, que também não é tão longe;

4. Há uma política de favorecimento de contratação de pessoas do bairro nos prédios e empreendimentos / empresas do local, visando a melhoria da qualidade de vida do bairro Angus.

5. A gestão do espaço é feita pela Associação de Moradores do bairro.

Um campo ainda muito pouco inexplorado no movimento de Economia Solidária brasileiro é a constituição de empreendimentos solidários que desenvolvam “atividades – meio”, como comercialização (lojas solidárias, organização de feiras, fechamento de compras casadas, construção de cadeias produtivas solidárias) e assessoria (capacitação para gestão, para elaboração de projetos, mapa de oportunidades, etc). Normalmente várias destas atividades são desencadeadas por ONGs, que por serem sem fins econômicos, precisam garantir sua sustentabilidade financeira de outras fontes que não do próprio serviço prestado, através da aprovação de projetos.

Mais informações sobre o projeto Angus encontram-se na página www.sda-angus.com.

B.4. Reunião do Conselho de Administração da RIPESS

Nos dias 14 e 15 de novembro, ocorreu a reunião do Conselho de Administração (CA) da RIPESS (Rede Intercontinental de Promoção da Economia Social e Solidária), a instância mais importante da RIPESS (abaixo apenas da assembléia geral, que são os encontros mundiais pela globalização da solidariedade – ocorridos até agora em Lima/1997, Québec/2001, e Dakar/2005).

Pela América Latina estavam Humberto Ortiz (GRESQ/Peru) e Shirlei (FBES/Brasil); pela Europa estavam Giovanni (Banca Etica/Itália) e um rapaz de Luxemburgo; pela Oceania e sul-pacífico estava um senhor da Austrália (movimento comunitário, tipo uma articulação de ONGs para o desenvolvimento comunitário e econômico na Austrália); pela América do Norte estavam Ethel Coté (Rede de Desenvolvimento Comunitário e Econômico do Canadá), Gerald Larose (GESQ/Québec, e ex-presidente da CSN, que é o análogo da CUT no Québec), e Yvon Poirier (GESQ / Québec); pela África estavam Abou (mulher da Etiópia, que trabalha na ONG internacional ENDA e também está na organização do FSM de Nairóbi), e Abdou Salam (GESS / Senegal, e presidente da RIPESS). Não foi possível a presença de ninguém da Ásia.

Um relatório da reunião está sendo elaborado por Ethel Coté (do *Réseau Canadien de Développement Économique Communautaire*), que assumiu a secretaria da mesma. Posso apenas dizer que a reunião transcorreu num clima amistoso e de diálogo o tempo inteiro, e que pontos considerados preocupantes para a América Latina, como por exemplo a questão da descentralização da coordenação da RIPESS, foram satisfatoriamente encaminhados.

B.5. Recepção dos convidados estrangeiros pela Prefeitura de Montréal

No dia 15 de novembro, a prefeitura de Montréal organizou uma recepção para os estrangeiros que se encontravam na cidade para participarem da Cúpula de Economia Social e Solidária que começaria no dia seguinte. Quem coordenou a recepção foi um dos membros do Conselho Executivo da Prefeitura, que anunciou publicamente uma parceria com o Chantier para a construção de políticas públicas de apoio para a Economia Social e Solidária. Ele citou, como exemplo do que está por vir nesta política pública, um programa de compras públicas privilegiando empreendimentos solidários, parecido com o PAA da Conab em nosso país (PAA é o Programa de Aquisição de Alimentos, que privilegia associações de agricultura familiar). Isso serve de indicativo

para futuros intercâmbios sobre políticas públicas, já que no caso de Montréal a compra não é apenas de alimentos, mas de vários outros bens e serviços.

Estiveram presentes pessoas de alguns países da África (particularmente Guiné, Burkina Fasso, Etiópia e Senegal), do Japão, do Canadá de fora do Québec, da Espanha e Itália. A delegação brasileira era a maior, consistindo em 5 pessoas do FBES nesta recepção que tinha ao todo umas 20 a 30 pessoas.

B.6. Conversas entre América Latina e África

No contexto da reunião da RIPESS, Humberto Ortiz e Abdou Salam manifestaram interesse em fazer reuniões entre as representações da América Latina e da África, no sentido de pensar como poderia haver uma articulação estratégica de fortalecimento da Economia Solidária numa perspectiva Sul-Sul, sem intermediários.

Foi realizada, portanto, um jantar-reunião após a recepção da prefeitura de Montréal, no dia 15 de novembro, entre a delegação brasileira, Abdou Salam (Senegal), Abou (Etiópia), e Humberto Ortiz (Peru). Foi debatida a importância do contato direto entre África e América Latina, no sentido de fortalecer a Economia Solidária nestas duas regiões do hemisfério sul. Foram apontados momentos importantes para isso: o FSM2007 em Nairóbi, e o encontro de Havana 2007 (II Encontro Latinoamericano de Comércio Justo e Economia Solidária, dando seguimento ao encontro de Cochabamba 2005). Mesmo que neste segundo encontro a agenda seja latinoamericana, deliberou-se pelo convite de africanos para conhecerem esta realidade.

A delegação do FBES frisou que trocas deveriam ser feitas preferencialmente entre empreendimentos dos dois continentes. Neste sentido, Abdou propôs algum encontro América Latina – África com este fim, talvez no final de 2007, em Lima / Peru, pois 2007 é a data de 10 anos desde o encontro de Lima que desencadeou a criação da RIPESS. A proposta desenvolveu-se para que este encontro se chamasse “Lima +10”. A delegação do FBES também contribuiu propondo que a composição de participantes siga a proporção que usualmente realiza-se no FBES: 2/3 empreendimentos solidários e 1/3 dos outros 2 segmentos (gestores públicos e assessorias). Para contemplar também visita a empreendimentos solidários no local, deliberou-se pela por um período total de 7 a 8 dias, portanto bem longo. Quanto ao número de participantes, pensou-se numa representação de 3 pessoas por região em cada continente (considerando 5 regiões em cada continente), de modo que haveria um total de 30 pessoas (15 de África e 15 da América Latina). Estas idéias serão retransmitidas para as respectivas redes para ver o interesse. O FSM de Nairóbi e o encontro de Havana seriam então momentos para acumular as possibilidades de realização de Lima +10 – diálogo África e América Latina em Economia Solidária.

Outra reunião entre representantes da África e da América Latina foi feita ao final da Cúpula de Economia Social e Solidária, no dia 17 de novembro, pois havia outras pessoas de outros países, como Marrocos, México e a presença do Secretário Brasileiro de Economia Solidária, Paul Singer. Nesta reunião foi apresentada a proposta de Lima +10, e Abdou Salam propôs que Paul Singer fosse um “patrono simbólico” deste evento, por sua militância e reconhecimento internacionais. Paul Singer sugeriu que uma extensa preparação do encontro fosse realizada, através de canais como e-mail e listas de discussão virtuais, para uma maturidade e acúmulos já desde a base.

B.7. Participação na Cúpula da Economia Social e Solidária do Québec

Um dos principais objetivos da presença da delegação brasileira no Québec foi a participação na Cúpula Québécoise de Economia Social e Solidária (*Sommet de l'Économie Sociale et Solidaire*), marcando os 10 anos de existência do Chantier.

O evento ocorreu nos dias 16 e 17 de novembro, e foi um imenso sucesso, em

vários pontos de vista: desde a abertura até as oficinas e o belo encerramento.

De fato, o FBES foi feliz em estar representado num momento histórico da Economia Social e Solidária do Québec, assim como o Chantier ficou muito feliz com a presença brasileira por lá: a delegação brasileira recebeu um tratamento de convidados especiais, claro que sem perder-se o foco da Cúpula que era o de fazer um balanço dos 10 anos de Economia Social e Solidária no Québec e de apontar as diretrizes para o futuro (*pistes d'action pour l'avenir*).

Havia mais de 700 pessoas participando na Cúpula, todas representantes de regiões, ou redes de empreendimentos, ou redes de movimento social, ou de assessoria, ou de governos locais. As inscrições para a cúpula foram por representação, e não por pessoas, o que qualifica esta quantidade de pessoas para um leque muito amplo e robusto de atores sociais.

O primeiro dia pela manhã tratou de apresentações com balanço geral da Economia Social e Solidária no Québec em várias dimensões: as conquistas, os desafios, os caminhos trilhados. Foi uma apresentação muito bela, num duo de falas entre Clément (presidente da Caixa de Economia Solidária de Désjardins – *Caisse de l'Économie Sociale*) e Laurie Wendel (ecologista que trabalha o tema do consumo responsável), e a presença do primeiro ministro do Québec, que foi uma das maiores conquistas da cúpula, pois o atual governo do Québec costumava não oferecer tanto crédito e apoio à ES quanto o governo anterior. Mas o sucesso da cúpula foi tão grande que o primeiro-ministro decidiu, politicamente, participar, e na sua fala fez vários compromissos, dando com isso enorme força política para a Cúpula e para o movimento de ES do Québec.

Neste mesmo dia, Paul Singer (Secretário Brasileiro de Economia Solidária) e Daniel Tygel (da delegação do FBES) falaram em plenária para as mais de 700 pessoas presentes. A fala versou principalmente sobre a Economia Solidária no Brasil, fala esta que foi muito bem recebida, particularmente por demonstrar um exemplo de sociedade civil em diálogo com o governo federal na construção de políticas públicas de ES.

A cúpula foi precedida por uma “temporada da Economia Social e Solidária” (*Saison de l'Économie Sociale et Solidaire*): durante um ano foram realizados debates nas regiões do Québec e constituídos grupos de trabalho em diferentes temas, com representantes de movimentos, redes, governo, ONGs e sindicatos específicos de cada tema, para elaborarem o documento de subsídio temático à Cúpula.

Com base nestes documentos, na tarde do primeiro dia da Cúpula os participantes se dividiram em grupos de trabalho e tiraram as 3 principais pistas de ação para cada tema, além de afinarem e referendarem as resoluções construídas pelas comissões antes da Cúpula. Durante a noite, os relatores e organizadores do encontro trabalharam sobre os resultados e prepararam a Declaração Final e as apresentações sistematizadas de cada tema para o dia seguinte.

Ao fim da tarde, já em plenária, houve um momento de confraternização com falas na plenária, tendo sido Paul Singer também mais uma vez convidado a falar das políticas públicas brasileiras de Economia Solidária. Daniel apoiou a fala fazendo a tradução de sua fala para o francês.

A manhã do segundo dia foi então dedicada à apresentação dos resultados de cada tema. Ao final de cada apresentação dos relatores do tema, a plenária era convidada a tomar a palavra e fazer comentários, sugestões, adicionar novos compromissos de sua entidade / grupo, para melhorar os documentos. Ao final, os aplausos consolidavam a proposta do tema, e muitos compromissos eram estabelecidos publicamente.

Assim foi tema por tema, até que se chegou, no início da tarde, à carta final do evento, que foi lida, e abriu-se para as colocações dos presentes na plenária. A maioria das falas foram, no início, de manifestação pública de comprometimento do grupo representado com diferentes aspectos ditos na carta. Estas manifestações de compromisso eram afirmações concretas, às vezes até com números e compromissos bem objetivos.

Depois começou a haver manifestação de representações internacionais. Havia representantes de 20 países diferentes, de quase todos os continentes. Daniel fez uma fala em nome da delegação brasileira, da qual um extrato que foi citado várias vezes por Nancy Neamtan (presidente do Chantier) e publicado em jornais pelo Québec.

Ao fim do segundo dia, encerrou-se a Cúpula, de forma emocionante pelo longo tempo de palmas em pé de toda a plenária, acatando os seus resultados. Enquanto isso, os sinos da igreja que ficava ao lado do local do evento começaram a tocar, pois é tradição naquela região do Québec que os sinos toquem quando visitantes queridos vão embora, desejando boa viagem e bom retorno.

A Cúpula ocorreu num Centro Comunitário em um bairro de periferia, muito simples, de Montréal. Este Centro é uma conquista dos moradores, que o mantém com diversas atividades, desde creche a diferentes atividades, cursos, quadra de esportes, entre outras coisas. Todos os serviços do evento (som, infra-estrutura, comida, etc...) foram realizados por empreendimentos solidários, além da participação ativa de 200 voluntários em toda a organização do evento. Os empreendimentos e voluntários receberam também calorosos aplausos da plenária.

Durante a Cúpula havia uma sala para exposição de iniciativas e grupos, e o FBES teve um estande próprio, que foi bastante freqüentado: a delegação brasileira expôs produtos de empreendimentos solidários do Brasil e o caderno a respeito do movimento no Brasil em francês e em inglês.

Um dos grandes resultados da Cúpula deste ano foi a participação do movimento cooperativista tradicional, com vários compromissos assumidos de acordos entre as partes. Um reconhecimento efetivo da força do movimento de economia social do Québec.

B.8. Participação na Feira de Economia Social e Solidária

Ao final da tarde do dia 17 de novembro, após o encerramento da Cúpula, foi feita a abertura da Feira de Economia Social e Solidária, no centro antigo da cidade de Montréal, no antigo mercadão às beiras do rio. Lá foi lida novamente a carta final da cúpula.

Tratava-se de uma pequena feira, com uns 30 a 50 estandes, cada um com um empreendimento solidário. A delegação do FBES também foi contemplada com um estande para divulgação do FBES e venda de seus produtos, que tinham servido apenas como material de exposição durante a cúpula que se encerrara.

A delegação brasileira participou da feira desde o fim do dia 17 e até o fim da mesma, no dia 18 de novembro. Todos os integrantes da delegação circularam extensivamente por toda a feira, conversando com todos os empreendimentos que lá estavam, e pegando material.

Seguem abaixo algumas características da feira que chamaram a atenção da delegação brasileira e apontaram mais elementos para intercâmbio com o Chantier:

1. Destacava-se o acabamento e disposição dos produtos e do material de divulgação de serviços;
2. O comércio justo era predominante na feira, na forma lojas de venda de produtos do sul certificados, principalmente África, mas também algumas poucas da América Latina. Em alguns casos, estas lojas eram, em si, empreendimentos solidários, o que é muito positivo;
3. Havia duas redes de turismo, mais voltado para o próprio Canadá: uma rede de empreendimentos de camping e outra de "turismo familiar", o que não existe enquanto tal no Brasil: turismo familiar é um espaço onde há atividades para os pais e para as crianças, com várias atividades que também envolvem ambos. Estas redes são parte de um movimento, e vários de seus empreendimentos são associações (ONGs) sem fins de lucros, que prestam este serviço econômico a

preços justos.

4. Havia também dois empreendimentos de serviços em informática, que fazem um bom trabalho de suporte para associações, grupos e cooperativas (principalmente de habitação). Um terceiro era o Insertech Angus, que faz recuperação e venda de computadores usados e novos, que foi visitado por parte da delegação brasileira no dia 16 de novembro.

5. Ainda no setor de serviços havia dois empreendimentos de prestação de serviços de consultoria para outros empreendimentos, na área de planejamento estratégico, plano de negócios e formação, entre outras. Houve interesse por parte da delegação brasileira em conhecer mais este tipo de empreendimento, que praticamente não existe no país, com exceção das cooperativas de assistência técnica rural, mas que normalmente são mais dedicados à produção, e não à comercialização e à autogestão.

6. Havia na feira um espírito de conciliação forte entre três elementos: Economia Social e Solidária; Preservação do meio-ambiente; Consumo responsável. Assim, via-se que a feira não tinha produtos nem copos descartáveis, e que vários empreendimentos trabalhavam lidando com a questão ambiental em mente. O empreendimento *Le Vélo Vert* (“a bicicleta verde”), por exemplo, recupera bicicletas e vende-as usadas. O crativo é que esse empreendimento usa as peças das bicicletas que não podem ser recuperadas para construir peças artísticas muito bonitas e criativas. Outro empreendimento que toca na questão ambiental trabalha com peças artísticas e utilitárias de madeira, usando apenas restos de madeira já descartados. O acabamento e beleza destas peças e sutileza das colagens entre as peças era realmente um destaque.

B.9. Viagem a Abitibi

Nos dias 20 e 21 de novembro, a delegação brasileira foi levada por integrantes do Chantier (Marie Hélène e Charles Guindon) para a região de Abitibi, no Québec, situado a uns 600 km ao norte de Montréal. As principais razões da escolha deste destino foram as seguintes: haveria no dia 21 de novembro uma Feira Regional de Economia Social e Solidária, onde seria possível à delegação brasileira conhecer empreendimentos solidários da região; em segundo lugar, havia o interesse por parte do Chantier em apresentar a Economia Social e Solidária no interior do Québec.

Seguem abaixo os principais pontos desta viagem.

Cooperativa de Desenvolvimento Regional

A primeira parada foi em Val D'Or, em que a delegação brasileira almoçou com o presidente da Cooperativa de Desenvolvimento Regional da região de Abitibi (CDR). A conversa foi muito rica, e versou em torno do cooperativismo e a forma de organização deste setor no Québec.

Mas o que são as CDRs? Cada região tem uma CDR – Cooperativa de Desenvolvimento Regional. Esta cooperativa é uma espécie de base de serviço, que busca promover o desenvolvimento através do apoio técnico para a criação de associações ou cooperativas, e também de estudos e mapeamentos a respeito das potencialidades econômicas da região. Recebe parcialmente recursos do estado, e parcialmente recursos pela própria consultoria às associações, grupos e cooperativas. No caso desta CDR de Abitibi (e o que parece ser o comum para todas as regiões), 30% de seus recursos são do estado, e o restante como fruto de suas consultorias.

Michel explicou que existem no Québec 5 tipos diferentes de cooperativas: as de mutualidades, as de produção, as de serviços, as de consumo e as de solidariedade. A delegação do FBES interessou-se particularmente por este último, por não existir no Brasil: As cooperativas de solidariedade são uma conquista recente (que envolveu

mobilização ativa do Chantier) do movimento de economia social do Québec. Trata-se de cooperativas que possuem dois tipos de sócios: os consumidores (ou usuários) e os produtores (ou oferecedores de serviços), e que em muitos casos solucionam problemas comunitários locais. Por exemplo, se uma comunidade não tem um sistema de apoio a idosos, pode-se montar uma cooperativa com idosos e prestadores de serviços ao idoso, que tem como objetivo dar este apoio. Outros exemplos são pontos comerciais (como de produtos éticos ou orgânicos) ou de serviços (como postos de gasolina). Normalmente, cada cooperativa de solidariedade trata de apenas uma atividade, mas o presidente da CDR afirmou que é possível que seja uma cooperativa multi-setorial, com várias atividades. Cooperativas deste tipo tem sido importantes nas cidades pequenas e isoladas, onde a iniciativa privada e o governo acabam não tendo muita penetração: a iniciativa privada costuma montar seus pontos onde seja possível haver resultado de lucro, o que faz com que pequenas cidades não tenham muitas das lojas e serviços que se encontram em cidades grandes. O governo, de maneira parecida, tem seus indicadores de acordo com quantidade de pessoas atendidas por área geográfica, e portanto normalmente constrói pequenos pontos de apoio que direcionam as pessoas para os centros maiores, o que muitas vezes acarreta em burocracia e incômodos de viagens. Assim, uma cooperativa destas, formada pelos próprios usuários em parceria com os oferecedores de serviço / produtos, se torna interessante, pois a comunidade tem esta necessidade concreta, acima de uma necessidade de lucro da atividade. Isso é muito alinhado com a plataforma e carta de princípios da Economia Solidária no Brasil, no sentido de que efetivamente as atividades econômicas tenham a pessoa como centro, e não o lucro.

Quanto à sustentabilidade da CDR, o seu presidente afirmou que 70% de seus recursos são do poder público, e o restante vem dos próprios empreendimentos assessorados pelos serviços prestados pela CDR. A delegação brasileira notou esta relação 30%/70% em várias iniciativas sociais no Québec, principalmente da área de serviços. Por exemplo, uma associação de serviços domésticos a pessoas idosas de Abitibi, com a qual a delegação brasileira teve contato, também recebe 30% do estado e 70% dos próprios idosos atendidos. Este tipo de associação é para idosos que não dão mais conta de fazer toda a manutenção da casa sozinhos. Entretanto, uma parte destes 70% vem indiretamente do Estado, pois o poder público subsidia os idosos a pagarem por estes serviços.

No caso da CDR, Michel explicou que esse outro apoio indireto do governo também ocorre: um grupo, associação ou cooperativa que queira ter sua consultoria, ao declarar ao governo este interesse, ganha um recurso de subsídio para esta contratação.

O debate também tratou das CDRs e das políticas de desenvolvimento regional no Québec, tanto governamentais quanto da sociedade civil, e das principais atividades econômicas da região de Abitibi. Michel comprometeu-se a enviar para a delegação brasileira material detalhado sobre a estrutura e funcionamento da CDR e o movimento de economia solidária na região.

Cooperativa florestal de Rouyn Noranda

Após este almoço, o grupo seguiu viagem até a cooperativa florestal de uma cidadezinha próxima a Rouyn Noranda, que tem um papel importantíssimo para este vilarejo: praticamente toda a população da cidade tem sua subsistência garantida graças a esta cooperativa, que foi iniciativa local, quando o próprio governo estava propondo o fim do vilarejo.

As principais atividades da cooperativa são de produção de tomates e mudas de pinheiros para reflorestamento. Tudo isso é feito em estufa, sendo que os tomates são hidropônicos (uma hidroponia diferente da que o grupo conhecia, pois é em meio sólido, ao invés de dentro d'água, sendo que os nutrientes vêm todos pela água depositada nesse substrato sólido).

Foi muito interessante a visita: a delegação brasileira conheceu a forma de produção, onde o que se destacou foi o nível de mecanização (mecânica e

computadorizada) do sistema. Por exemplo, os tomates colhidos são automaticamente limpados e selecionados em caixas diferentes por peso, tamanho e cor, tudo por uma máquina computadorizada. O mesmo valia para a colocação do selo e para o processo de semeadura das mudas de pinheiros.

Assembléia do Pólo de Economia Social de Abitibi

À noite a delegação brasileira chegou a Rouyn Noranda, uma cidade importante da região de Abitibi principalmente pela mineração de cobre e ouro. Uma gigantesca indústria de mineração destaca-se na paisagem da cidade, mesmo à noite.

Nesta mesma noite, a delegação brasileira participou enquanto ouvintes da Assembléia do *Pólo de Economia Social de Abitibi*. Além de outros pontos de debate internos à região, Charles, integrante do Chantier que estava acompanhando o grupo brasileiro, apresentou a situação de implantação da Fiducie, a nova linha de finanças solidárias no Québec, idealizada pelo Chantier, com um fundo de 60 milhões de dólares. Charles apontou a diferenciação desta linha com relação às demais linhas de finanças solidárias existentes no Québec, e as pessoas presentes fizeram muitas perguntas. A maioria dos participantes eram empreendimentos, mas havia também representantes de prefeituras e de entidades de apoio.

Durante a assembléia, a delegação brasileira foi citada diversas vezes e ressaltada a parceria entre o FBES e o Chantier.

Feira regional de Economia Social de Abitibi

No dia seguinte à assembléia, ocorreu a I Feira Regional de Economia Social de Abitibi, que era voltada principalmente à efetivação de encontro dos atores da ES da região, mais do que à comercialização. Houve vários seminários, apresentação de teatro, duas oficinas de formação, que ocorreram paralelamente, e a própria feira.

Os empreendimentos e entidades tinham estandes em que apresentavam seus trabalhos, e havia locais reservados para que fosse possível fazer-se negociações tanto no sentido econômico como no de parceria entre os atores presentes no evento.

A delegação brasileira era considerada como convidada de honra do evento, e muitos contatos riquíssimos foram estabelecidos: foi um grande momento de trocas e aprendizados mútuos. Havia clara diferença entre os empreendimentos e as pessoas da região de Abitibi comparados à região de Montréal, pela hospitalidade, simplicidade, calorosidade e simpatia.

Havia empreendimentos principalmente da área florestal (reflorestamento, corte de madeiras, produção agrícola), mas também da marcenaria (lindos artefatos de madeira – um empreendimento de inserção), de assessoria (destacou-se uma cooperativa de prestação de serviços de formação em diversos campos, como gestão, administração, tratamento de conflitos, entre outros), de consumo ético, entre outros.

A delegação brasileira interessou-se também pelo estande de uma associação que faz trabalhos com os índios canadenses: há 13 etnias no Canadá, que se diferenciam entre Ameríndios e os povos do gelo, dos quais os mais conhecidos são os Inuits, também conhecidos como esquimós.

As oficinas oferecidas foram duas, ao mesmo tempo: uma sobre marketing, e outra sobre princípios e conceitos de Economia Social e Solidária. O interesse maior da delegação brasileira foi pela segunda, e por isso 4 de seus integrantes participaram da mesma, sendo que o quinto participou da oficina sobre marketing para que a delegação estivesse representada em ambas.

A oficina conceitual foi ministrada por Marie Hélène (do Chantier), e foi um dos momentos importantes da visita da delegação brasileira ao Québec, pois permitiu a seus integrantes conhecerem com mais detalhamento como o movimento de ES do Québec concebe a ES. Neste sentido, destacou-se fortemente a existência de muitos pontos parecidos com os pontos de vista construídos pelo movimento brasileiro,

particularmente a concepção da ES como perspectiva de transformação social e política, ou seja, uma perspectiva diferenciada de desenvolvimento.

No almoço deste dia, apresentou-se um grupo de teatro de jovens, que fazem o que é uma verdadeira moda no Québec: o “teatro do improviso”. Há competições e ligas em todo o Québec neste “esporte cultural”, que é basicamente o seguinte: Há equipes de atores, que recebem um tema sobre o qual devem fazer uma peça, com tempo de uns 3 minutos para pensar, e a maior parte se desenvolve ali mesmo no palco, no improviso. Exige muita capacidade criativa e integração das equipes. Foi divertido, e os temas colocados para o grupo foram basicamente ligados a diferentes aspectos da economia social.

Definitivamente, foi muito importante a delegação brasileira ter ido tão longe ao interior do Québec. O único ponto negativo foi o curto tempo da visita: havia interesse de conversar mais com os atores locais, conhecer mais de suas histórias, conflitos, parcerias e formas de organização, mas o tempo em que a delegação esteve lá foi muito bem aproveitado.

B.10. Reunião final com o Chantier – Avaliação e Prioridades

No dia 22, de 12h às 15h30, foi realizada a reunião final entre a delegação brasileira e o Chantier. Da parte do Chantier estavam presentes a presidente Nancy Neamtan, Charles Guindon e Marie Hélène.

A reunião foi dividida em dois blocos principais: uma avaliação da visita da delegação; e um debate sobre a continuidade da parceria FBES e Chantier: quais temas serão aprofundados na parceria? Onde é possível o maior aprendizado de ambos os parceiros?

Na parte de avaliação ficou muito clara a importância da visita, e também de que um ciclo de aproximação entre FBES e Chantier com ela encerrou-se, restando agora a tarefa de aprofundamento vertical nos tópicos que são de maior interesse e onde cada país pode contribuir com maior riqueza. Também saiu como consenso que o tempo em Abitibi poderia ser maior, pois foi muito rica a troca com atores locais do interior do Québec.

Durante a avaliação foi dito inúmeras vezes que a Cúpula organizada pelo Chantier foi um grande sucesso, e coincidentemente ocorreu logo depois da conferência brasileira de ES que também foi um grande sucesso. Neste sentido, foi simbolicamente importante o fato de que ambas as redes – Chantier e FBES – terem presenciado e participado destes momentos históricos em cada país.

A partir da avaliação realizada, partiu-se para o segundo momento da reunião: determinar as prioridades de aprofundamento da parceria na continuidade da mesma, tanto no projeto como para além dele.

Foi tirado um conjunto de prioridades, reproduzidos abaixo. Destas, as três primeiras foram tomadas para serem o início dos trabalhos. Cada parte se comprometeu a definir os documentos de cada tema disponíveis por cada rede, para a realização de traduções para subsidiar o intercâmbio.

Finanças solidárias

- Cooperativas de crédito
- Redes
- Ferramentas e indicadores de crédito para empreendimentos solidários
- Fundos solidários
- Bancos comunitários e moedas sociais

Comercialização

- As feiras estaduais de Economia Solidária no Brasil (organização, os empreendimentos participantes)
- Cadeias produtivas entre empreendimentos solidários
- Portal e mapeamento realizados pelo Chantier

Formação

- Experiência de formação de gestores públicos no campo de finanças solidárias, realizada pelo Chantier;
- Experiência de formação dos analistas do RISQ, realizada pelo Chantier;
- Intercâmbio sobre metodologias de formação em Economia Solidária, a partir das experiências de cada rede.

Estruturas organizacionais

- Fóruns estaduais e brasileiro de Economia Solidária
- Organizações setoriais e pólos regionais do Chantier
- Desenvolvimento Territorial (indicadores, iniciativas, mapeamentos e estruturas)

Marco Legal

- Associações civis sem fins lucrativos (as OSBL do Québec, que podem realizar atividades econômicas)
- Comparação de diferentes legislações do cooperativismo, com destaque às cooperativas de solidariedade (“coops de solidarité”, existentes no marco legal do Québec)

Pesquisa

- Articulação entre a Aliança entre Universidade e Comunidade de Pesquisas em Economia Solidária (ARUC-ÉS, do Canadá) e as redes universitárias brasileiras que lidam com a Economia Solidária (Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, e Rede Unitrabalho)

Políticas públicas

- Documento realizado pelo Chantier com propostas de políticas públicas para o governo canadense;
- Intercâmbio das políticas voltadas à ES existentes no Québec e no Brasil;

C. Conclusões

Podemos dizer que, sem dúvidas, a visita foi um sucesso. Mas o sucesso da visita traz consigo uma responsabilidade por parte do FBES e do Chantier, que é o aprofundamento dos vínculos traçados, para que possamos partir para outro patamar.

Esta parceria será estratégica para o FBES, no contexto atual de Reestruturação que estamos vivendo, a partir da realização dos 5 Encontros Regionais de Reestruturação que têm dado enormes frutos na reflexão quanto ao futuro do movimento de Economia Solidária na conjuntura atual, em que o governo reeleito aponta claramente a Economia Solidária como um campo estrutural para combate à pobreza e desigualdade social.

É nesse espírito que nos encaminhamos para a realização da IV Plenária Nacional de Economia Solidária, no qual o Chantier também terá papel importante nos processos de organização e sistematização dos resultados dos encontros regionais e plenárias estaduais.

Aprendemos muito: ao conhecermos mais fundo a experiência da Economia Solidária no Québec, passamos a conhecer melhor o nosso próprio movimento, com um novo olhar. Voltamos borbulhando de idéias para melhorar a nossa ação e fortalecer ainda mais esta economia que, ainda timidamente, já acontece!

D. A Economia Social e Solidária no Québec

O nascimento do movimento de economia social do Québec é estreitamente ligado ao movimento de mulheres, particularmente o grande movimento pelas creches comunitárias ocorrido nas décadas de 80 e 90, que hoje se chamam “Centros Comunitários para a Pequena Infância” (CPEs – *Centres de la Petite Enfance*). O movimento de mulheres é bastante forte do Québec: para se ter uma idéia, a marcha mundial de mulheres nasceu lá, numa primeira marcha em Montréal. Graças a este movimento, houve conquistas como os Centros Regionais de Desenvolvimento Comunitário (CRDCs) em cada região do Québec, que serviam como pontos de articulação da sociedade civil e governo para o debate de políticas e ações pelo desenvolvimento comunitário, e normalmente eram liderados pelos grupos de mulheres.

Em 1996, numa crise de falta de empregos no Québec (na verdade, em todo o Canadá), o governo resolveu organizar uma Cúpula pelo combate ao desemprego, que visava fazer um diálogo com a sociedade civil das possibilidades de criação de empregos sem oneração das contas públicas, que também estavam em má situação. Normalmente, este tipo de diálogo era feito apenas com sindicatos patronais e de empregados, ou seja, apenas com empresários e empregados. Desta vez, entretanto, no seio de um governo mais de esquerda no Québec, e também por causa da enorme pressão do movimento de mulheres na luta pelas creches comunitárias, o governo decidiu incluir no debate os outros atores da sociedade civil (movimentos, ONGs, etcétera). A forma de preparação da cúpula era a seguinte: eram criados Grupos de Trabalho (chamados de Canteiros) temáticos reunindo representantes de cada segmento diretamente interessados e envolvidos com o tema, com o desafio de apresentar, após 6 meses de trabalho, no momento da cúpula, um plano de ação para a criação de empregos.

Não se sabia muito bem o que fazer com estes movimentos sociais, já que eles não se reconheciam como uma coisa só, mas como se tratava de lidar com a questão econômica, acabaram decidindo criar um Canteiro de Economia Social (*Chantier de l'Économie Sociale*), conceito que ainda não existia no Québec na época, nem mesmo por parte dos atores sociais lá envolvidos. Este canteiro agrupou, além do movimento feminista, as cooperativas (em seus diversos segmentos, como produção, agricultura, habitação, consumo) e associações pelo desenvolvimento comunitário, além do movimento de comércio ético e do movimento ecológico. Em 6 meses ocorreu então a Cúpula, e o Canteiro de Economia Social apresentou um enorme plano de ação, que contemplava a execução de 30 projetos e criação de milhares de empregos no setor da economia social (ou seja, em associações sem fins lucrativos e em cooperativas). É preciso notar que, diferentemente do Brasil, em que falamos de *trabalho* para diferenciar de *emprego*, no Québec eles sempre falam de emprego, mesmo em cooperativas e associações, incluindo os direitos trabalhistas. Ou seja, as cooperativas e associações devem respeitar leis trabalhistas para seus associados / cooperados.

Após a Cúpula, o Canteiro (*Chantier*) continuou existindo para supervisionar a execução dos projetos, e acabou sendo um dos canteiros que mais projetos realizou, ou seja, que rendeu mais frutos pós Cúpula. Depois de dois anos, quando tinham terminado

a execução do plano, acabaram criando uma identidade tão grande que decidiram continuar existindo como uma articulação dos atores da economia social do Québec, à maneira como o FBES.

É interessante observar que a formatação do Chantier de ES partiu de representações dos vários atores organizados, e no caso dos empreendimentos, partiu também dos setores econômicos. Ou seja, na parte de empreendimentos, o canteiro se organizou inicialmente por setor econômico, a exemplo do movimento cooperativista, e só com o passar dos anos é que foi avançando para a criação de representações regionais, que são hoje os Pólos Regionais de Economia Social e Solidária. Estes pólos são o análogo aos nossos Fóruns Estaduais. Isso significa que os “Fóruns Estaduais” deles só foram sendo criados após 10 anos de existência do canteiro! Na minha opinião, isso aponta muitos elos de aprendizado possível entre nós do FBES e o pessoal do canteiro: Eles partiram de uma perspectiva setorial para irem avançando para a perspectiva territorial, enquanto nós partimos da perspectiva territorial (após a criação do GTBrasileiro, que consistia basicamente em entidades e redes nacionais de assessoria à ES, com exceção da RBSES, Anteag e CONCRAB que faziam os dois papéis: de representação de empreendimentos e de assessoria).

Neste ínterim, os Centros Regionais de Desenvolvimento Comunitário (CRDCs) passaram por uma profunda crise e desarticulação, tanto pela mudança de foco do movimento feminista com a grande conquista que são hoje os Centros da Pequena Infância quanto pela existência de outras políticas regionais. O movimento feminista resistiu a “largar” os CRDCs, pois era uma conquista própria, e muitos dos CRDCs passaram a ficar isolados, sem realmente articularem a maioria dos atores. Claro que estou simplificando a história, mas o que sabemos é que os CRDCs ficaram muito nas mãos do movimento feminista, e acabaram não se abrindo para outros atores, se isolando com isso.

Hoje em dia, muitos dos CRDCs estão se tornando Pólos Regionais de Economia Social e Solidária, graças às articulações do Canteiro, e isso nem sempre é fácil. Justamente em Abitibi há ainda tensão a este respeito, sobre a condução das articulações regionais em prol do desenvolvimento social e comunitário. Neste sentido, a Cúpula que havia acabado de ocorrer e a I Feira Regional de ES da Abitibi foram momentos importantes de avanço da sinergia destas forças na região, apesar das tensões subsistirem.

Um elemento que ocorreu na decisão do Canteiro, em 1998, de continuar existindo perenemente, foi uma reestruturação do mesmo. Nesta reestruturação ocorreu um grande racha com o movimento cooperativista tradicional (o análogo à nossa OCB), que se retirou e passou a ver o canteiro sempre como ameaça. Tensões muito grandes ocorreram, por exemplo, na formatação do instrumento de finanças solidárias Fiducie, principalmente com relação à gestão. O movimento cooperativista tradicional recusava-se a que o canteiro tivesse a maioria dos votos no seu conselho de administração. Um outro elemento importante é que o “movimento désjardins”, que é o gigantesco complexo cooperativo de bancos Désjardins, se inscreve no movimento cooperativista tradicional, apesar de historicamente ter sido um dos principais atores a fortalecer o cooperativismo no Québec. E dentro do Désjardins existem as “Caixas de Economia Solidária”, que dão apoio e crédito direto à Economia Solidária, e são aliados fortíssimos do canteiro. Portanto, Désjardins não é um complexo monolítico, mas tem nuances internas.

E. Relatos da visita

E.1. Shirlei Almeida (30/11/2006)

Realmente esta viagem foi um mergulho profundo nos princípios da economia social e solidária do Quebec. Acredito que foram os 10 dias mais intensos dentro desta temática e fora do Brasil que já participei.

Inicialmente participamos da reunião da Coordenação da RIPESS, com um grande desafio que é fazer uma articulação internacional dentro da temática, de economia social e solidária. Tivemos a presença da América Latina (a maior riqueza, Santa Maria foi um marco com o encontro de vários países e articulações com feiras em diferentes países, mobilizações e intercâmbio, da América do Canadá (que relatou as grandes experiências do Quebec, sobretudo as 12 ferramentas que eles têm de finanças solidárias, imaginem que eles tem uma linha de financiamento para a economia social que tem a carência de 15 anos com juros 0, e do restante do Canadá (que tem mais uma articulação entre intelectuais e alguma coisa dos Estados Unidos), da Austrália muito fraco, somente atividades de responsabilidade social, da África boa articulação entre os governos e necessidade de investir no fortalecimento da sociedade civil e da Europa, com muita coisa acontecendo sobretudo no comércio justo e agora com conferências pipocando.

Fomos construindo uma agenda para 2007 e 2009, encontros na Europa (não se sabe ainda se na Itália ou na Suíça), e também um encontro na África (estão puxando para ser junto com o Fórum Social Mundial).

Foi construída também uma proposta de construção do planejamento da RIPESS que será feito de maneira descentralizada e por temática. Saiu também que cada região deverá ter um escritório regional, na América Latina devemos ter o nosso escritório em Lima. (Novamente saímos na frente, pois este será o primeiro escritório descentralizado).

Temos agora também um desafio em Dakar teremos o escritório central da RIPESS e para a integração sul-sul, a América-latina ficou de selecionar a pessoa para a coordenação geral deste escritório. Assim o presidente da RIPESS, o Abdul, tem uma equipe de suporte para as questões operacionais e estratégicas. Ainda temos que ver como seria a seleção desta pessoa.

Em 2009 na Europa (ainda não tem certo a cidade) teremos um grande encontro como foi o de Dakar em 2005.⁹ Será o 4º Encontro de Internacional de Globalização da Solidariedade. (1º foi em Lima, em 1997, o Segundo em Quebec em 2001, o terceiro em Dakar em 2005.)

A América Latina, que para nossa alegria é onde tem acontecido mais articulações supranacionais, para variar tá saindo na frente. Irmão Vicente, deve se lembrar do encontro em Santa Maria, onde se falava da possibilidade de fazer o II encontro latino americano de economia solidária e comércio justo. Então de cara já temos lugar e data será de 20 a 24 de fevereiro/07 ficou definido que este encontro será em Cuba, Habana. Temos que avaliar como podemos articular a nossa presença Marista neste encontro, vejam em anexo a convocatória, e o formulário de inscrição). Existe ainda a possibilidade de um encontro maior sul-sul que seria no final de 2007 em Lima, para comemorar Lima +10 (onde foi o primeiro grande encontro da RIPESS) com a presença de gente de todo o sul do mundo.

Além do encontro da RIPESS e antes da Conferência de Economia Solidária, participamos ainda, (Daniel e eu,) de um jantar com representantes de diversas redes do Canadá em economia solidária. O melhor do jantar foi que ele aconteceu dentro de um empreendimento de economia solidária (do mais alto nível). É que o empreendimento é formado por pessoas com deficiência, desde surdo mudo até pessoas com dificuldade de locomoção. O lugar muito bem arrumado, com tudo que se tem

direito e o serviço de copa perfeito. Fiquei encantada e comi um salmão maravilhoso.

Terminada a reunião da RIPESS começou a conferencia, que foi simplesmente, perfeita, com a presença do primeiro ministro prometendo mundos e fundos e toda a conferencia tocada pelo Canteiro de Economia social e solidária do Quebec (Fórum do Quebec de Economia Solidária). Participantes de 20 países e tudo muito bem organizado. Tivemos um Stand onde colocamos os nossos produtos e banners e comercializamos o que tínhamos levado dos grupos.

Tivemos a presença do Prof. Paul Singer, que foi o único de governo que não era do Quebecque usou a proferiu uma conferencia. Isto enriqueceu a presença do Brasil e ampliou a nossa participação, usamos também o avental (abadá) que fizemos para as feiras para identificar a comissão brasileira. Isto também ficou legal.

Durante a conferencia o Canteiro estava também comemorando 10 anos e fomos as comemorações do aniversário, que foi de forma bastante interessante, com o lançamento de um café equitavel (café do comércio justo) junto com o pessoal daquele empreendimento do restaurante, que ja falei antes. E precisa ver que lançamento com tudo muito bom, o café em uma embalagem linda e distribuído gratuitamente para os convidados um pacote de 250 grs.

Até o nome do café é político. O café recebeu o nome de um artista que também faz arte solidária e é portador de doença mental.

E não acabou ai.

Depois tivemos a comemoração de 10 anos de outro empreendimento que faz parte do Canteiro. Nossa fiquei realmente emocionada. O Espaço onde fomos é uma antiga fabrica, que foi recuperada e transformada em diversos empreendimentos, hoje é um complexo, ao todo são 36 empreendimentos, mais de 1000 trabalhadoras e trabalhadores, com metas que não são somente financeiras, mas sobretudo qualidade de vida. Por exemplo uma das metas e reduzir o espaço do estacionamento e a necessidade de carro, então tem linhas de metro e de ônibus que chegam perto do empreendimento, tem programa de apoio para carona e estacionamento de bicicletas. Hoje este complexo tem metas ousadas do ponto de vista financeiro um faturamento de 250.000 \$can, 2500 trabalhador@s, do ponto de vista ecológico obter certificados de edifício ecológico (toda a planta esta sendo remodelada utilizando somente material ecologicamente correto, (enquanto aqui ainda estamos correndo atrás de produtos ecologicamente corretos)) além disto toda a linha de produtos e serviços visando o bem estar não só dos trabalhadores e trabalhadoras, mas de toda a coletividade. E o mais importante, eles reconhecem publicamente o valor do social da economia e isto é considerado um bem patrimonial.

A reunião da RIPESS aconteceu dentro de outro empreendimento, um cooperativa de credito solidário, que tem desde da planta (prédio) até a estrutura organizacional, pensada para dar visibilidade e transparência, por se tratar de um empreendimento financeiro, a transparência é um quesito fundamental. Na entrada do prédio tem um monumento pela democracia. Uma mesa redonda onde todos votam levantando a mão. As paredes internas são praticamente todas de vidro e a sala de reuniões fica bem no meio, onde não se decide nada de forma escondida, mas participativa e transparente. O Desjardins - Casa de Economia Solidária, como é chamada a cooperativa, reúne uma mistura de cooperativismo tradicional com o novo cooperativo solidário. Hoje mais de 80% das pessoas que tem conta corrente no Quebec tem conta no Desjardins. Todo lugar que iamos na cidade tinha um caixa popular, em toda a cidade, tanto nos centros importantes, históricos, como nos bairros mais simples. Igual no Brasil encontramos caixas eletrônicos de bancos particulares la se encontra as caixas populares.

Depois da conferencia foi realizada uma feira (neste ponto temos mais a oferecer que eles), que era mais uma mostra do comércio justo. Tínhamos vários tipos de produtos e serviços, café, artesanato, produtos reciclados etc e também a nossa mesa, so que não tinha como colocar banner neste espaço. Na feira teve um desfile de roupas do comércio justo e a leitura da carta de Quebec, com as resoluções da Conferencia.

Após a conferencia e a feira fomos viajar para o sul do Quebec passamos pelo Vale de Ouro, por dentro de um parte lindo, muita agua e muitas arvores e o frio foi apertando ate que chegamos na região de Abitibi-Témiscamigue. A turma brasileira fazendo a maior festa pois começamos a entrar na região onde estava nevando. Todo mundo igual bobo brincando na neve na hora que parávamos o carro para abastecer. A paisagem linda, toda branca e silenciosa.

Viajamos 600 kms e fomos conhecer primeira, uma experiência de uma cooperativa de desenvolvimento regional, que primeiro faz um diagnostico das necessidades da região e de acordo com a demanda estimula a criação de cooperativas populares para suprir aquela demanda, por exemplo em uma cidade onde tinham poucas funerárias e os preço dos enterros estava pela "hora da morte", foi criada uma cooperativa funerária e os preços caíram pela metade do preço, esta é uma das experiências que pedimos mais informação pois, seria uma boa maneira para algumas regiões do Brasil e poderia ser casada também com as iniciativas de desenvolvimento territorial do MDA. Depois fomos conhecer uma cooperativa de produção de legumes em estufa, esta também é uma experiência super interessante, primeiro conhecemos o cultivo de tomates em estufa, em um tipo de hidroponia onde a polinização é feita com abelhas e zangões. E é tudo fantasticamente automatizado e informatizado, os tomates são selecionados, pasmem, pelo tamanho e pela cor que varia do verde até o vermelho vivo, E o precesso é coleta do fruto, depois são lavados, selecionadas, etiquetados e vão para caixas que são recicladas e são entregues por uma rede de distribuição. Eles também estão produzindo milhares de mudas de pinheiro para o reflorestamento da mata de onde se tira a madeira e produzindo também flores para sacadas e trepadeiras. Isto tudo climatizado, eles usam uma caldeira movida a óleo queimado e num processo super interessante com um filtro que não tem nem fumaça e o calor circula por tubos de agua quente que também servem de trilho para os carrinhos e cadeiras que as pessoas usam enquanto estão colhendo ou limpando os tomates.

Depois da visita que ja aconteceu com a noite caindo, fomos para outra cidade onde estava começando um encontro regional de economia solidária e uma feira também regional. Este encontro também foi muito rico e deu para ver a dimensão da economia social e solidária. A cidade muito linda, toda cheia de neve e o lago no meio da cidade congelada, quase não conseguíamos andar na cidade de tanto frio. Na feira conhecemos muitos empreendimentos interessantes, trabalho com povos indígenas, trabalho com pessoas com autismo, produção de todo tipo de produtos e serviços, formação continuada com bolsa de incentivo e grande inclusão no mercado de trabalho.

Depois retorno para Montreal, chegamos a noite e no dia seguinte antes de viajar tivemos uma reunião de avaliação e planejamento com o pessoal do Canteiro. Onde avaliamos como positivo o intercâmbio e assinalamos pontos onde poderemos aprofundar a nossa parceria. Vimos a necessidade de conhecer mais de perto os diferentes tipos de cooperativa e associações que eles têm lá. Inclusive este tem um tipo especial de cooperativa que são cooperativas solidárias, coisa que não temos no Brasil. Conhecer as sua legislação e funcionamento. Queremos conhecer também as ferramentas de credito que eles têm (são 12 linhas inclusive uma criada agora com 15 anos de carência e especialmente criada para a economia social e solidária com 60.000 \$can que será administrada pelo canteiro), temos interesse também nos materiais didáticos que eles utilizam para a autonomia e autogestão dos empreendimentos. Pelo lado do Canteiro eles querem entender melhor os nossos processo de regionalização, das cadeias produtivas (justa trama e outros), das feiras e da gestão política do Forum. Então vamos traduzir alguns materiais de francês para o português e vice-versa. Eles vão estar aqui no Brasil em fevereiro e junto com a nossa IV plenária.

Bem gente, depois so deu tempo de correr para o avião e chegar aqui. Em linha gerais foi esta a visita ao Quebec. Trouxe muitos materiais (tudo em francês) muitas fotografias digitais.

E.2. Depoimento de Evandro Luzia (23/11/2006)

Antes da partida para o evento, entrevistamos Evandro Luzia, que é gestor público em Rio Branco (AC), um dos articuladores da Rede de Gestores desde sua fundação, militante dos movimentos sociais desde as escolas de formação (instituto Cajamar), tem fomentado e articulado a economia solidária na região Norte e participou ativamente do processo de organização da CONAES pela Rede de Gestores.

1- Qual a importância da Cúpula e Feira Nacional de Economia Solidária do Québec (Canadá) para o FBES?

Participar de um evento de economia Solidária é sempre muito importante, pois isto fortalece a difusão e consolida a proposta todas as vezes que paramos para dar atenção à ECOSOL. Quanto a participação no Canadá, isto significa para todos um pacto entre trabalhadores que se co-responsabilizam para garantir a efetividade da política, o que para nós especificamente é garantir espaços de articulação, trocas de experiências e aprendizado quando nos tornamos parceiros internacionais para desenvolver nossas experiências.

2 - Como a delegação brasileira estará contribuindo nos debates que irão acontecer no evento?

A delegação Brasileira estará participando com conhecimento de causa, pois já tem acumulado muitas experiências de sucessos que também precisam ser socializadas, a bem da ECOSOL. Temos muito a contribuir após 3 anos e meio de trabalho articulado com o Governo Federal e seus entes, apesar de estarmos ainda em processo de construção.

Temos diversos elementos para evidenciar o trabalho aqui no Brasil, das empresas recuperadas aos grupos de artesãos, cada um com sua realidade, com diferentes formas de gestão, mas com os mesmos princípios: fortalecimento da democracia, relações sociais justas e solidariedade.

3 - Para a Rede de Gestores, qual a importância deste diálogo com o Canadá? Quais as expectativas da Rede?

Enquanto Rede, temos o privilégio de termos este contato para conhecermos outras experiências públicas de gestão, o que nos permitirá avaliar nossos trabalhos com referências em ações realizadas em outras realidades, para a formulação da política pública para o Brasil. Construir um sistema ou política requer conhecimento de diversas realidades.

4 - Qual a sua contribuição específica?

Enquanto Gestor, espero contribuir na análise de outras realidades para chegar a formulações de novas propostas, com muita vontade de contribuir com e para o processo.

5 - O que se espera como resultado dessa viagem?

Fortalecimento. A partir dos debates com propostas novas de estratégias buscamos o fortalecimento da Ecosol no mundo.

E.3. Depoimento de Lenivaldo Marques da Silva Lima (08/12/2006)

Viajamos dia 14 de novembro e voltamos dia 23 do mesmo mês.

Nossa percepção é que temos conceitos similares entre economia social e economia solidária. As diferenças estão na acentuação que damos a prática dos empreendimentos e das organizações. Contudo, temos a mesma concepção: propriedade coletiva, gestão participativa, solidariedade e inclusão social.

A chegada em Montreal

Chegamos no Aeroporto de Montreal fomos recebido por Daniel Tygel (FBES) e Charles do Canteiro e fomos direto para o Albergue-Hotel que fica na Rua Santa Catarina. À noite fomos recebidos pelas autoridades municipais de Montreal em coquetel de acolhimento e boas vindas. Claro reconhecimento da delegação estrangeira e do Canteiro da Economia Social – o Canteiro é uma espécie de ONG que dá suporte a Economia Social.

Aí conhecemos a Nancy e a Maria Helena personalidades importantes da economia social e solidária no Quebec. As falas foram rápidas. Após os comes e bebes e a foto oficial, cuja mestra de cerimônia se chama Liberdade, fomos convidados por Maria Helena para ver a cidade numa vista panorâmica em determinado ponto, o que não foi possível porque o Presidente da RIPPE nos convidou para um jantar reunião cujo tema central era a proposta de um encontro em 2007 e a busca de apoio. Presentes estavam: nós brasileiros, Umberto Ortiz – Peru e os Africanos – presidente da RIPPE e mais uma senhora. Ficou acertado pensar no Encontro a acontecer no Peru, porém, ficamos nos perguntando sobre o caráter político deste encontro, a partir do seguinte questionamento, quais são os parceiros sindicais e governamentais de tal Rede? Qual o campo político de sua atuação no cenário internacional?

A Cúpula de economia social e solidária

A comemoração de 10 anos do Canteiro e a perspectiva da economia social no Quebec foi o objetivo principal da cúpula. 20 países presentes. Autoridades de peso do Quebec como o primeiro Ministro estiveram presentes. Todas as falas sempre na linha afirmativa e valorativa da economia social e solidária. Diversas experiências do cooperativismo no Quebec foram relatadas, bem como experiências de economia social com doentes mentais, imigrantes e desempregados. Outro aspecto importante foi às finanças solidárias: a construção da proposta de crédito em andamento com carência de até 15 anos, bem como, o alargamento dos tipos de cooperativas. No Quebec se possui cooperativa para tudo, inclusive para se fazer solidariedade! A presença do Daniel, como secretário executivo do FBES e do Prof. Singer foi muito bem ressaltado. O Prof. Singer falou da nossa experiência da Conferência, sendo traduzido pelo Daniel.

As experiências relatadas ressaltam em muito a felicidade das pessoas e suas ocupações na economia social. Em muito pouco, são evidenciados aspectos de gestão e os processos participativos no interior das cooperativas. No entanto, a inclusão social pela ocupação econômica, parece ser o forte entre eles.

Importante perceber nesta cúpula que existem outros canais de articulação com outros países que não somente os nossos parceiros tradicionais. Principalmente com a África em que se apresentaram outras personagens com outros discursos...

No final da cúpula, enquanto se servia o coquetel, o presidente da RIPPE convocou mais uma reunião, ali mesmo no local, desta vez com o Prof. Singer e os mexicanos para amarrar a proposta de ter o Professor como Patrono do encontro, o que implicava a articulação de recursos para viabilizar uma visita no Brasil e o Encontro no Peru. O Prof. Singer percebeu a proposta como de difícil viabilidade no contexto atual do Governo Brasileiro e passou a argumentar por outras formas de articulação. Então começou uma série de apelação contundente sobre a pessoa do professor (seu compromisso com a Economia Solidária e coisas do gênero). Então percebi que se tratava de uma articulação supra FBES, sem o seu devido reconhecimento, e solicitei a palavra, após insistir muito foi concedida, e fiz a argumentação que a nossa articulação deveria acontecer de “sociedade para sociedade” e que as questões de viabilidade das nossas atividades em que implicasse apoio do governo brasileiro seria papel do FBES fazer esta articulação e não da forma como estava acontecendo ali. Pois o Prof. Singer estava ali enquanto representante do Governo Brasileiro e não como um simples militante da economia solidária...

A visita a Abitibi - Interior mais ao norte do Estado do Quebec

O objetivo desta visita era a participação de uma Feira de Economia Social Solidária e ver a interiorização – regionalização da economia social no Quebec. Projeção de 8 horas de viagem de carro, dirigido por Charles com apoio de Maria Helena, músicas, piadas, brincadeiras, debates sobre nós mesmos, conhecimento da região foi o tom.

A cada Km o frio apertava e o aquecedor do carro nos mostrava como os humanos foram se adaptando aquela terra, não se via ninguém fora de algum abrigo residencial ou nos carros. Muitas carretas transportando madeiras passaram por nós... de repente vimos a neve caindo... quando paramos para abastecer o chão estava branco com a neve... e passamos a brincar na neve... tive muitas lembranças das imagens veiculadas do papai Noel em nossos natais... aliás, brincando com uma senhora quebequense, que faltávamos ver somente o Papai Noel com seu trenó, ela respondeu que não teria Natal porque os caçadores mataram as renas que puxariam o trenó do Papai Noel. E falou da temporada de caça que estava acontecendo às renas e aos alces. Assim passamos no Vale do Ouro, região dos povos autóctones, que resolvi denominar de povos do gelo.

Nosso almoço foi com o representante da regional que nos falou das grandes cooperativas e de empreendimentos informais na região de Abitibi. Cooperativas das mais variadas matizes (produção, serviços, solidariedade) com muito impacto econômico na vida da população, mas pouca participação dos sócios. Cooperativas com 12.000 sócios conseguem reunir no máximo 100 a 120 participantes de suas assembléias.

Após o almoço visitamos uma cooperativa produtora de mudas florestais e tomates com a tecnologia da hidroponia. Envolve 100 participantes, possui trabalhos temporários, com um faturamento de 3 a 4 milhões de dólares canadenses. De fato vimos muito forte a preocupação com a questão ambiental e a felicidade de duas trabalhadoras que estavam em plena atividade de preparação dos tubos de irrigação (por gotejamento), mas também vimos a solidão de outra trabalhadora sobre um carrinho nos tratos dos tomates. Vimos também a produção baseada na esteira fordista da alta tecnologia. A história dessa cooperativa é importante para região porque recuperam umas estufas do governo que estavam abandonadas e deram uma função produtiva e social. Outro aspecto importante é a utilização de óleo queimado pelos veículos numa caldeira que serve as estufas, bem como, as caixas de embalagens dos tomates feitas de papel reciclado. Normalmente a cooperativa cobra uma taxa aos visitantes, mas nós fomos dispensados do pagamento desta taxa, talvez o fato de sermos visitantes estrangeiros.

A feira de economia social e solidária em Abitibi

A abertura foi muito bonita, homenageando os dez anos do Canteiro e a referencia a nossa presença. As falas foram no sentido de evidenciar a construção da economia social e a consolidação da regional. Depois houve as oficinas de debates. Fomos para oficina sobre os conceitos de economia social e solidária, coordenada por Maria Helena. Nossa percepção é que temos conceitos similares entre economia social e economia solidária. As diferenças estão na acentuação que damos a prática dos empreendimentos e das organizações. Contudo, temos a mesma concepção: propriedade coletiva, gestão participativa, solidariedade e inclusão social.

No almoço tivemos uma dinâmica de apresentação em que o tema da economia social era trabalhado com jovens atores como concorrência entre equipes em que todos ganham. Depois houve uma avaliação das oficinas e da economia social com o publico, então falei, enfocando a autogestão como uma revolução silenciosa nas estruturas de dominação em que vivemos no Brasil.

Essa FEIRA tinha a característica de amostragem e “sala de negócios”. Visitamos a feira – fomos muito acolhidos – ganhamos presentes (agendas, lápis e muitos folders). Partimos de volta.

A reunião de avaliação com o Canteiro

Nossa avaliação foi positiva de como continuarmos o intercâmbio entre Brasil e Quebec. O canteiro ficou interessado pelo tema das cadeias produtivas e pela nossa interiorização do FBES. Outra idéia é a troca de material – realizar traduções, bem como uma visita do Canteiro ao Brasil. Do nosso lado precisamos aprofundar o sistema de finanças solidárias implantado no Quebec, possuindo milhares de pessoas sócias e condiciona vários aspectos da vida social.

Palmares, dia de Nossa Senhora da Conceição do ano de 2006-12-08

E.4. Depoimento de Walmir José de Almeida (08/12/2006)

1. Qual a importância da participação do FBES na Cúpula e Feira realizada em Quebec?

Antes de mais nada bom seria se, de vez em sempre o FBES pudesse ter intercâmbios com outras experiências de economia solidária com outros povos, outras culturas. No passado tive a oportunidade de conhecer experiências em dois outros países, Itália e Espanha, que foram enriquecedoras. Porém nestas experiências se viu muito mais o cooperativismo como uma alternativa de emprego do que propriamente de uma outra possibilidade de um novo modelo de economia (economia solidária), mas assim mesmo foi muito bom.

No Quebec, a nossa participação na cúpula e na feira, foi antes de mais nada, um momento único para o FBES, onde pudemos, na cúpula, ouvir o que a economia social solidária no Quebec tem como avanço e o que eles lutam para continuar avançando. Também acho que para nós do FBES, o público presente na cúpula saber que existia uma delegação do Brasil ali presente participando daquele momento, mostrou o quanto estamos levando a sério aqui no Brasil a nossa economia solidária. Além de, também, o quanto estamos querendo aprender com outras culturas. Nas feiras como sempre nossos produtos foram muito bem vistos. Alguns produtos em particular, tiveram uma procura mais específicas por empreendimentos locais. A quantidade de materiais de divulgação que levamos, foi muito bem recebida. Eu sou daqueles que ainda acho que teremos boas surpresas, no que se refere a possibilidades de negócios com os nossos empreendimentos.

2. Quais contatos foram estabelecidos e quais atividades foram significativas?

Walmir: Os contatos feitos pela delegação se procurou mostrar o que fazemos no Brasil como um todo. Mas, para mim a atividade mais significativa foi o momento que sentamos com Maria Helena e demais representantes da economia social solidária e discutimos o que de fato dali para frente interessaria para cada lado (Brasil/Quebec) e descobrimos que a possibilidade de continuação desta parceria é mais que necessária, pois apesar do Quebec estar em muitos pontos a frente, nós, aqui do FBES, temos muito a contribuir principalmente na construção de cadeias produtivas, apesar de ainda estarmos construindo este processo, mas para eles isto está muito longe.

3. Para o segmento que você compõe, a experiência vivenciada no Canadá pode contribuir em que sentido?

Para o segmento que represento, serviços, acho que há um leque muito grande de possibilidades, pois no Quebec este segmento é muito forte e está presente de diversas formas. Porém, na minha avaliação as possibilidades de negócios entre os nossos empreendimentos e o deles, teriam que ser melhor avaliadas, pois como disse este segmento no Quebec está por todas áreas da alimentação à saúde, por isso temos que ter mais informações e contatos para daí para frente traçarmos possibilidades.

4. Que destaque você faz para o que conheceu da economia solidária do Canadá?

O envolvimento e apoio da comunidade, pois a uma preocupação da comunidade local no apoio ao consumo e utilização daquilo que se produz dentro da economia social e solidária no Quebec. Mas não vamos nos iludir. Isto não é totalmente resolvido, pois eles também tem que estar continuamente pensando na divulgação e conscientização.

5. Quais as perspectivas se colocam na relação com o Canadá (e outros países) a partir da presença da delegação do FBES nas atividades que a delegação participou?

Uma das grandes possibilidades que vejo, como já disse, é na continuidade deste intercâmbio, principalmente na área da formação, possibilidades de negócios e como pensarmos juntos em liberação de agentes para o FBES.